

N.º 176 / MAIO 1986 / ANO XV / MENSÁRIO 30500



revista da **ARMADA**



**POLÍCIA NAVAL
AO SERVIÇO
DA ARMADA**
págs. 160



Voz da Abita

CARTAS AO DIRECTOR

Dos nossos leitores e amigos recebemos a seguinte correspondência:

Do sarg.-aj. A RF Joaquim Soares Reis, Lisboa, um dos nossos mais assíduos leitores, uma carta, em complemento do que já foi publicado nos n.ºs 168 e 172 desta Revista, sobre o lendário «Zé do Telhado». Junta um recorte do jornal «O Tempo», de Penafiel, já extinto, que transcrevemos:

Uma carta do José do Telhado
Sob esta epígrafe, «O Tempo» no seu primeiro número de 1930 publicou o texto seguinte:

José do Telhado, a quem a má sina arrastou para inóspitos sertões africanos, não era, como alguns o querem supor, um descrente, nem um coração cerrado a sentimentalismos. Disso é prova a carta a que hoje damos publicidade, dirigida à mulher, escrita sem pontuação e em excelente caligrafia, que devido à amabilidade de um amigo, conseguimos copiar do original para, textualmente, ser inserta em «O Tempo».

*«Ambriz 21 de Dezembro de 62
Anna*

Tenho escrito muitas cartas e ainda de nenhuma recebi resposta tua agora faço esta por mão própria só para vêr se ella é entregue manda-me dizer o que é passado contigo para eu daqui mesmo vêr se te remedeio alguns males eu entrei no perdão do casamento do Rei fiquei em 15 annos contando o dia que sahi de Lisboa se Deos me conservar ainda tenho esperança de vêr essa terra mas talvez mais prompto que tu pensas se Deos me ajudar Anna eu o que estimo é que tenhas saude em companhia dos meninos e meninas a quem muito me recomendo não posso ser mais extenso que o Vapor está a sahire e com isto adeos até a vista.

Deste teu marido que a Vida te deseja por muitos annos.

*José Teixeira da Silva Telhado
Escreve-me para Ambriz.»*

*«Ill.ma Senhora
Anna Lentina de Campos
Freguesia de S. Pedro Rei de
Caide — logar da Sobreira pelo cor-
reio de Vila-manhã
Província do Minho
Lisboa.»*

No papel em que esta carta foi escrita, notam-se vestígios de lágrimas, certo lágrimas de saudades amaríssimas.

Diz Soares Reis que o «Zé do Telhado» era natural das imediações das freguesias de Caide ou Vila Meã, a que ele chamava Vila Manhã. Sendo ele também natural daquelas terras muito tem ouvido contar a seu respeito e relata um caso que se passou com um seu ascendente de nome «Zé Pardal», padeiro de profissão, que morava num local denominado *Rua Sobre-Tâmega, sobranceiro à ponte romana ali existente. O caso passou-se por alturas de 1858, após um assalto pela quadrilha do «Zé do Telhado» num solar que ainda hoje existe um pouco antes da barragem do Carrapatelo, além da vila de Marco de Canavezes, onde o bandoleiro foi julgado.*

Ele e os seus companheiros da quadrilha, que como constava na região e no país, não roubavam, mas tiravam para o seu sustento e para distribuir pelos pobres, estavam depois do assalto a descansar sentados em pedregulhos, no sopé das alminhas, à entrada da ponte já citada. A certa altura, vendo aproximar-se o vulto de um homem com um cajado na mão, um dos seus gritou-lhe: «Olhe, chefe, aquele é o 'Zé Pardal', que por bem não faz mal a ninguém, mas que é um ás no jogo do pau». Logo o «Zé do Telhado» desafiou o Pardal para um joguinho de pau à beira do rio, ficando os outros a ver, do alto, o resultado. Os dois conten-

dores andaram muito tempo à paulada, mas nenhum vencia o outro. Então, pondo o cajado ao alto, o «Zé do Telhado» disse ao adversário: «Olha, amigo Pardal, dá cá um abraço e segue o teu caminho em paz». E, puxando de uma bolsa, ofereceu-lhe duas libras em ouro e ainda um naco de presunto, que ainda restava do assalto ao solar. «Agora — acrescentou —, vai dizer aos teus compadres que te bateste comigo e que não conseguiste vencer-me».

N. R. — Estes elementos foram colhidos de um dos filhos do «Zé Pardal», padeiro também, que viveu em Vila-Boa de Quires, de nome Florindo.

□

De António Joaquim Furtado Correia, Ponta Delgada, Açores, uma carta em que recorda com saudade o tempo em que prestou serviço na Marinha, lembrando vários navios e oficiais de que jamais se esqueceu. Pelas pessoas que cita e pelos postos que então tinham concluímos ser homem já de certa idade (velhos são os trapos...). Diz ele que tem a farda sempre em ordem e se fosse preciso apresentar-se *para qualquer faina*, viria imediatamente. Só que dificilmente entraria dentro dela, por ter «engrossado» muito e, além disso, a traça ter já entrado nela...

□

De José E. Ferreira dos Santos, capitão da Marinha Mercante, Lisboa, uma carta, na qual, entusiasmado com o desfile de grandes veleiros, que presenciou, realizado há tempos no Tejo, e com a beleza da nossa «Sagres», com a cruz de Cristo desenhada nas velas, lança a seguinte sugestão: *Porque há-de ser o navio-escola o único a ostentar*